

Metáforas no Serviço Social: um tipo específico de conhecimento profissional?

Rudolf Schmitt¹

Tradução: Adriano Dias de Andrade²

Tradução do texto original “Metaphors in Social Work: A specific kind of professional knowledge?”³.

Nota sobre a tradução: Este trabalho tem caráter descritivo e foi realizado a partir da pesquisa de doutoramento do autor, finalizada em 1995. Neste texto, o autor recupera as reflexões empreendidas no doutoramento para verificar como a metáfora pode caracterizar as redes de conhecimentos profissionais típicas do Serviço Social. É um trabalho essencialmente inspirado na Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson e colaboradores a partir de 1980, e em proposições da Sociologia das Profissões. Os atuais objetivos de pesquisa de Schmitt consistem em desenvolver a Teoria da Metáfora Conceptual como um método sistemático de pesquisa qualitativa nas ciências sociais (ver Schmitt, 2005 e 2011).

Resumo: Schön (1979) já defendeu que as metáforas são elementos centrais no conhecimento profissional. O Serviço Social pode ser tomado como um bom exemplo dessa ideia porque o complexo conhecimento desse campo abarca intervenções numa ampla extensão de problemas tanto individuais como sociais. As redes semânticas do conhecimento profissional, que emergem a partir de conceitos metafóricos, permitem uma abstração, o que propicia generalizações a partir de

¹ Doutor em Psicologia pela Freie Universität Berlin; Professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Ciências Aplicadas Hochschule Zittau/Görlitz, Alemanha. Endereço eletrônico: r.schmitt@hszg.de.

² Doutor em Letras (Linguística) pela Univ. Federal de Pernambuco; Revisor de textos da Editora UFPE; Professor do Centro Universitário do Vale do Ipojuca – UNIFAVIP, DeVry Brasil. Endereço eletrônico: adriano@edufpe.com.br.

³ Este artigo apresenta seções adicionais e é uma versão diferente do texto publicado em: SCHMITT, Rudolf. Metaphors we help by: socio-cognitive patterns of professionals in social work. In: LILJEGREN, Andreas; SACKS, Mike (Eds.). London and New York: Routledge, 2016. p. 147-162.



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada. https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR.

casos individuais; elas são específicas o suficiente para promover instruções em situações particulares e estão ancoradas numa experiência de socialização pré-teórica, na qual os valores culturais já foram ensinados.

Palavras-chave: Conhecimento profissional. Metáfora. Conceitos metafóricos. Serviço Social.

Abstract: Schön (1979) already stated that metaphors are central elements of professional knowledge. Social work can be discussed as a good example for this idea because the complex knowledge of social work includes interventions in a wide range of individual problems in an equally wide range of social handicaps. Semantic networks of professional knowledge, which emerge from metaphorical concepts, allow an abstraction, which permits generalizations from individual case; they are specific enough to stir up instructions in specific situations, and they are anchored in a pre-theoretical socialization experience, in which the values of a culture are already taught.

Keywords: Professional knowledge. Metaphor. Metaphorical concepts. Social work.

Zusammenfassung: Schön (1979) hat bereits formuliert, dass Metaphern als zentrale Elemente des professionellen Wissens anzusehen sind. Soziale Arbeit kann als ein gutes Beispiel für diese Idee diskutiert werden, denn das komplexe Wissen der Sozialen Arbeit umfasst Interventionen bei einer breiten Palette individueller Probleme in einer ebenso breiten Spanne sozialer Benachteiligungen. Semantische Netzwerke des professionellen Wissens, welche auf metaphorischen Konzepten beruhen, erlauben eine Abstraktheit, die vom einzelnen Fall ausgehend Verallgemeinerungen zulässt; sie sind konkret genug, um Handlungsanweisungen zu stiften; und sie sind verankert in einer vortheoretischen Sozialisationserfahrung, in welcher die Werte einer Kultur vermittelt wurden.

Schlüsselworte: Professionelles Wissen. Metapher. Metaphorische Konzepte. Soziale Arbeit.

Introdução

Este artigo discute as metáforas enquanto elementos básicos do conhecimento profissional, tomando como exemplo o Serviço Social. Esse domínio é particularmente adequado para exploração dessa temática, uma vez que dispõe de certas características especiais que tornam o pensamento metafórico um componente necessário do conhecimento profissional. A metáfora é, ao mesmo tempo, pivô da controvérsia sobre o *status* de profissão do Serviço Social e fenômeno

característico desse campo laboral. Nesse contexto, é possível dizer que "[...] as matérias de competência do Serviço Social eram uma questão de grande disputa" (ABBOTT, 1995, p. 552). Além disso, também é verdade que grande parte dessa discussão é gerada pela fronteira, o que está dentro e o que está fora, daquilo que poderia ser chamado de profissão (ABBOTT, 1995, p. 552). Essa configuração explica as redes semânticas específicas do conhecimento profissional em Serviço Social, as quais serão reveladas quando nós as compararmos com as metáforas de profissões da área da saúde e com as de professores.

A fim de evitar que cheguemos a conclusões definitivas prematuramente, neste trabalho, usaremos uma interpretação bastante ampla do conceito de *profissão*, o qual apresenta fronteiras difusas. Esse conceito define o Serviço Social como um campo de trabalho remunerado que exige conhecimentos específicos (ABBOTT, 1988, p. 8). O objetivo deste artigo é perscrutar uma resposta para a questão: O Serviço Social pode ser caracterizado pelo conhecimento metafórico que ele recobre?

1 Metáforas e conhecimento profissional

Dewe (2012) assume que o conhecimento da profissão do Serviço Social consiste principalmente em habilidades e que isso é um conhecimento implícito ou tácito que não está acessível conscientemente antes da prática, mas que pode, pelo menos, ser representado de forma retrospectiva. Esse conhecimento profissional se desenvolve principalmente através da prática em contextos institucionalizados, enquanto que o conhecimento acadêmico

desempenha apenas um papel preparatório que permite a reflexão no processo de aquisição do conhecimento profissional. Contudo, o conhecimento da experiência profissional só pode ser verbalizado até certo ponto (POLÁNYI, 1985; SCHÜTZEICHEL, 2014). Schön (1979) sugere que esse conhecimento (“saber como”) está condensado em “metáforas geradoras”.

Nessa perspectiva, as metáforas desempenham papel na organização, no armazenamento e na apresentação do conhecimento tácito. Elas reduzem a complexidade das percepções possíveis e permitem pré-estruturar e ordenar a complexidade (BUCHHOLZ, 1996, p. 115). De acordo com a versão mais atualizada da metáfora na perspectiva da Linguística Cognitiva, conhecida como “Teoria da Metáfora Conceptual” (ver Lakoff e Johnson, 1980 e 1999; Lakoff, 1987; Johnson, 1987), o pensamento, o discurso e a ação são permeados, de modo inconsciente, por metáforas, que são transferências a partir de padrões experienciais simples e antigos para arranjos abstratos e novos. Portanto, as metáforas não devem ser vistas apenas como um conteúdo de retórica, mas também, de modo mais importante, como matéria de pesquisa cognitiva (em sentido amplo e não restritamente psicológico). As “cognições” são compreendidas como padrões de organização da experiência adquiridos individualmente que são repassados para os indivíduos através da cultura e são estruturados em parte pela nossa experiência corporificada. Lakoff e Johnson (1980, p. 14) postulam que há um padrão cognitivo comum por trás de muitas metáforas com domínios alvo e fonte comuns (“conceito metafórico”). Nesse sentido, em entrevistas com assistentes sociais, nós encontramos metáforas que dizem que a sua ajuda “faz com que as pessoas voltem a andar nos trilhos”. Quando as pessoas se encontram com o assistente social, elas

estão em uma “situação dura” ou “sem chão”. Isso é frequentemente acompanhado por um “malabarismo”, enquanto os indivíduos se equilibram entre necessidades pessoais e demandas institucionais, e termina finalmente em um “lugar” onde elas têm “espaço” para si mesmas, onde têm mais liberdade. Essas metáforas podem ser agrupadas sob o título ou conceito “ajudar é apoiar as pessoas na sua jornada”. Black (1983, p. 396) propôs que as metáforas constituem a ponta de um modelo interno submerso. Estritamente falando, isso apenas se aplica ao conceito de metáfora de Lakoff e Johnson. Nós podemos compreender esses modelos metafóricos como “padrões de interpretação”, como na terminologia das ciências sociais (ver Schmitt, 2011, p. 61). O objetivo deste artigo é desenvolver as implicações desses padrões de interpretação para o conhecimento profissional.

Para dar apenas uma breve descrição sobre o método da análise sistemática de metáforas, adotado neste trabalho, podemos dizer que essa perspectiva articula a teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson, não apenas a formulada no trabalho de 1980, mas também em suas versões posteriores, com os métodos de pesquisa social qualitativa. Depois de obtermos experiência usando um sistema de cinco etapas na análise dos dados (SCHMITT, 2005), para satisfazer os critérios para interpretação se mostrou necessário propor um procedimento de sete etapas para fornecer um suporte mais completo para a reconstrução dos modelos metafóricos (SCHMITT, 2011). Esses procedimentos metodológicos objetivam representar conceitos metafóricos como padrões semânticos homogêneos. Isso não segue a sugestão de Liljegren (2012) de que existam “metáforas-chaves” que incluem muitos conceitos metafóricos. Em primeiro lugar, a ideia de “metáforas-chaves” pode

esconder as diferenças implícitas entre os conceitos mais concretos, isto é, as atualizações; em segundo, se seguirmos sem a adoção de “metáforas-chaves”, nós poderemos entender um campo profissional como uma rede específica de conceitos que são heterogêneos (SCHMITT, 2013). Entretanto, as “metáforas-chaves” e suas elaborações podem permitir um acesso rápido aos tópicos centrais em cada campo profissional.

2 Conceitos metafóricos do conhecimento profissional

A discussão aqui apresentada sobre a análise empírica de metáforas, que pode nos fornecer algumas considerações sobre o conhecimento profissional, está baseada nos estudos conduzidos por Schmitt (1995) a respeito de profissionais que prestam assistência familiar, o que inclui um contato intensivo com clientes e, mais indiretamente, com organizações, por isso abarca o título de “prática de trabalho social direto”. Os achados são, então, comparado aos trabalhos de Schmitt (2006), a respeito da educação de adultos, Schulze (2007), sobre a assistência em tribunal de família, e de Schröder (2015), sobre o trabalho de aconselhamento de homens com histórico de violência. Além disso, foi realizada uma revisão sobre as metáforas utilizadas em profissões da saúde (SCHMITT, BÖHNKE, 2009) para a comparação com outros campos. As conclusões a que chegamos neste trabalho são parciais porque os estudos atuais não dão conta de análises de metáforas em todas as áreas do Serviço Social (na Alemanha), dois desses trabalhos (Schmitt, 2006; Schröder, 2015) são apenas estudos de caso, ao passo que outros dois foram realizados através de uma técnica de amostragem modelada a partir da teoria e encaminhada até a

saturação, em termos das respectivas perguntas de pesquisa, ser alcançada. Portanto, há limites para a generalização dos resultados obtidos nesta pesquisa para o campo do Serviço Social como um todo.

Arbbott (1995, p. 552; ver também Abbott 1988, p. 40) distingue três funções do conhecimento profissional específico “responsáveis por colocar os problemas em jurisdições adequadas, através da criação de processos intelectuais de *diagnóstico, inferência e tratamento*” (destaques desta tradução). Esta tríade que compõe os modos de perceber e interpretar problemas específicos da profissão, de suposições causais específicas e de intervenções igualmente específicas reúne as características centrais da atividade profissional (ver Baier, 2015, p. 243). O estudo empírico, realizado por Schmitt (1995), mostrou que cada conceito metafórico inclui um diagnóstico, uma atribuição causal associada e intervenções derivadas disso. As metáforas também geram um julgamento normativo, designam funções para todas as partes envolvidas e usam isso para enquadrar a relação como um arranjo cênico. A tríade de diagnóstico, inferência e intervenção, proposta por Arbbott, não é isenta de metáforas médicas. Para intervenções que são centradas no sujeito e são altamente influenciadas por estruturas sociais, é necessária a complementação por uma análise das dimensões de normatividade e de padrões de relações.

3 A rede de conceitos metafóricos do Serviço Social

A seguinte apresentação se aplica apenas à área de assistência familiar e reinterpreta estudos da sociologia das profissões a fim de promover sugestões para pesquisas futuras.

a) *O trabalho do Serviço Social é fazer com que as pessoas voltem a andar nos trilhos*

O diagnóstico da metáfora do “caminho da vida”, usada por profissionais do Serviço Social, mostra situações “duras”, capazes de “tirar o chão” ou “becos sem saída” nos quais os clientes estão presos. Nas entrevistas, os relacionamentos são também descritos em termos de metáforas do caminho, em termos de como o profissional “passa pelo caminho” ou “alcança” os clientes, como nos “aproximamos uns dos outros” ou como nos “desviamos” de alguém. Profissionais do Serviço Social descrevem seu trabalho como “trilhar um caminho árduo”, como uma tentativa de encontrar um novo “caminho” juntos e de “fazer as coisas saírem do lugar” como uma forma de ajudar os clientes a continuarem seus caminhos de vida. Essa estrutura composta de um lugar inicial “duro”, de um “caminho” difícil e de um “espaço” mais amplo como objetivo constitui um padrão causal que parece ser inescapável. De acordo com a lógica das imagens, simplesmente parece natural fazer as coisas nessa ordem. Assim, nessa função “operativa” (BUCHHOLZ apud von KLEIST, 1995, p. 96), as metáforas guiam os assistentes sociais e as suas definições das situações e, também, definem os papéis desempenhados pelos seus clientes, os quais precisam ser “colocados de volta nos trilhos”. Contudo, nós também encontramos enunciados que conceituam a intimidade em termos de ameaça porque os clientes não “mantêm muita distância”. Isso mostra como essas metáforas operam no gerenciamento das relações profissionais: é bom “encontrar um caminho que nós sigamos juntos”, é positivo “alcançar” o cliente, e também, se necessário, tentemos “construir pontes”, mas nós não devemos nos “aproximar” demais.

Calibra-se o relacionamento através de uma régua imaginária na qual o nível mais satisfatório de ajuda é evidentemente marcado como “não muito perto” do cliente.

b) O Serviço Social é descarregador e sustentador

O Serviço Social consiste em “ajudar” clientes estressados que possuem uma “carga pesada” para transportar, a qual precisa ser “esvaziada”. O diagnóstico é realizado através das imagens da carga “pesada” que os clientes “transportam”, a qual os “prendem” porque eles estão fortemente “sobrecarregados” pelo destino, pela sua família ou pela sociedade, a qual eles não têm mais condições de “suportar” e acabam “desabando”. Esse diagnóstico metafórico é tão facilmente internalizado por causa do seu modelo de imagem dicotômico acima-abaixo (Lakoff e Johnson, 1980, p. 14), o qual é revelado pelas construções preposicionais correspondentes a “acima”, “sobre”, “abaixo” e “sob”. Nas entrevistas, apareceram expressões como: “isso está colocando ela pra baixo”, “isso prende ela tremendamente”, e “ela não pode suportar mais isso”. Novamente, há uma atribuição causal implícita nestas metáforas: ajudar a “aliviar sua carga” e “tirar os clientes do fundo do poço” (ou do “buraco” em que eles se encontram). As metáforas de intervenção correspondentes são (ajudar a) “carregar” o fardo, “sustentar” e proporcionar-lhes “alívio”: “ela ficou tão aliviada”, “ela também precisa... ser aliviada do fardo da sua meia-irmã”. Esse cenário da assistência social como aliviadora do fardo revela uma distribuição assimétrica e distinta dos papéis do assistente social e da pessoa necessitada de ajuda, os assistentes sociais assumem algumas tarefas das vidas dos seus clientes.

c) O Serviço Social é unificador de pessoas ou libertador de embaraços

As relações pessoais são frequentemente pensadas como “elos”, “nós” e “cordas” com os quais um indivíduo pode “ligar”, “amarrar”, “atar” outra pessoa a si mesmo ou se tornar “atrelado” a alguém. As expressões “se agarrar a alguém”, “pegajoso” e “dependência” também denotam uma relação criada por meio de contatos. As metáforas que indicam união ou conexão foram encontradas em quase todas as entrevistas. As crianças, por exemplo, estão “ligadas” aos seus cuidadores, enquanto os clientes mais velhos, geralmente, estão “afastados”. Há duas possibilidades de diagnóstico nessas metáforas: o *status* da “desconexão” e o *status* de estar “atrelado”. As metáforas de trabalho correspondentes, que possuem conotações positivas, são expressas como “vinculadoras”, “conectivas”, “amarradoras”. A moral implícita dessas metáforas indica que não é desejável para os clientes se retirarem, “se afastarem”. “Fazer contato” é desejável, mas, por outro lado, os “elos” não devem levar a “embaraços”. Com relação às metáforas de ajuda, aqui novamente é evocado um modelo de interação linguística de “intimidade moderada” para a relação de assistência social.

d) O Serviço Social é aberto e fechado

Lakoff e Johnson usam o termo “metáforas ontológicas” para se referirem à habilidade de identificação de partes complexas da nossa experiência em termos de objetos simples. Os autores distinguem várias formas de ontologização linguística. O primeiro desses mecanismos metafóricos, a metáfora do contêiner, consiste em projetar uma imagem distinta para condições sociais ou mentais que não são

distintas ou que não têm fronteiras (Lakoff e Johnson, 1980, p. 25). A expressão “Ele se abriu”, por exemplo, significa que alguém, que estava “fechado” e que tinha se “trancado”, “se abre” e “deixa algo sair”. Não parece ser possível descrever a ideia de “expressar” preocupações e problemas sem o uso da metáfora do contêiner. Nessa imagem, os seres humanos não são apenas unidades biológicas, mas também psicologicamente se compreendem como recipientes nos quais muitas coisas são coletadas, acumuladas e depois são despejadas, esvaziando-os novamente. Esse recipiente também é violável: alguém pode, por exemplo, “explodir de raiva”. As metáforas de assistência social geralmente atuam nas fronteiras de clientes que são vistos como contêineres. Alguns sujeitos foram descritos como altamente tensos e “fechados”. O trabalho de assistência social, por sua vez, se concentra principalmente em “fazer com que as pessoas se soltem”, em “intervir” e “participar”. O oposto de “fechado” foi frequentemente expresso, além da simples noção de “aberto”, por meio de uma falta de consciência sobre as fronteiras ou sobre a violação dessas margens. Isso estimulou os assistentes sociais a “delinear fronteiras” e manter uma “linha” a fim de “bloquear” a violação das fronteiras e ensinar os clientes a “se conterem”. Contudo, alguns assistentes sociais se sentiram “esgotados” pelos clientes – uma forte imagem que ilustra a invasão de fronteiras psicológicas. Nessa lógica metafórica, o Serviço Social consiste em ajudar as pessoas a “se abrirem”, intervindo com relação a pessoas “fechadas” e “delineando fronteiras”, no caso de clientes que são “abertos” demais. Desse modo, aqui novamente encontramos uma construção metafórica central, que é a do contêiner, a qual sugere duas possibilidades de diagnóstico e, respectivamente, duas direções nas

quais as intervenções podem ser encaminhadas. As normas culturais implícitas estão preocupadas principalmente com a expectativa de autocontrole dos clientes com relação à abertura ou ao fechamento de seus mundos interiores.

e) O Serviço Social é doador (e tomador)

Em complemento à estrutura do contêiner, Lakoff e Johnson também classificam o conceito de “substância” como pertencente ao esquema ontológico. Isso nos permite tratar de experiências mentais psicológicas como se nós estivéssemos lidando com uma substância física. Alguém que tem “muita paciência” aparenta ter uma massa mensurável, ou pelo menos acessível, dessa característica, que pode, entretanto, variar muito em quantidade.

Nas entrevistas, essa habilidade de quantificar sentimentos e atividades é revelada no diagnóstico dos assistentes sociais sobre os clientes “terem tão pouco” na vida e “não [serem] suficientemente providos”, ou de existir uma “falta” de atenção e de recursos. As “perdas” reais e metafóricas dos clientes desempenham um grande papel. As imagens dessas quantificações, que são aparentemente mensuráveis, tornam-se, então, imperativas na lógica metafórica. Nesse sentido, o Serviço Social é visto como “oferecedor” de apoio e de atenção, dentro dos limites das normas sociais da assistência social. Observamos que os assistentes sociais frequentemente veem suas doações como um “substituto” para os déficits de socialização das famílias. Isso foi indicado pelo uso dos verbos “obter”, “ter”, “faltar”, “sustentar” e “receber”. Se a atenção não pudesse ser quantificada por determinantes indefinidos como “muito”, “pouco”, “mais” e “suficiente”, seria muito difícil descrever a assistência psicológica. As autodescrições

dos assistentes sociais como “esgotados” ou “acabados”, “vazios” ou “exaustos” correspondem às metáforas de posse ou perda, as quais não apenas determinam ações, mas também estruturam a relação de assistência social. Trata-se de uma questão empírica determinar como essa conceptualização metafórica da assistência social em termos de dar e prover cuidado se relaciona com o fenômeno de “estar acabado, esgotado” descrito pelos profissionais, enquanto que “retirar” supervisão e “dar” aconselhamento parecem ter uma ação levemente corretiva.

f) O serviço social é esclarecedor

Nas entrevistas, a polarização esperada e o efeito implícito de ação orientada das metáforas do visual emergiram claramente: a história de um caso e as motivações envolvidas estão geralmente “[no] escuro”, ou seja, escondidas e os assistentes sociais querem “esclarecê-las”. As metáforas do visual desempenham três funções:

- A compreensão de uma situação ambígua, na qual os protagonistas e as suas intenções e ideias são muitas vezes descritas como dicotomias, ou seja, “luz” e “trevas” ou “claro” e “escuro” (redução metafórica da complexidade, conforme explicada na seção 1). As metáforas do visual são frequentemente utilizadas a fim de apresentar os pontos de vista a respeito de uma situação, quer sejam os nossos quer sejam os das outras pessoas. Isso inclui expressões que variam, por exemplo, desde “tudo estava obscuro” até “há uma percepção da autoridade [local]”, ou a situação era “obscura” e o assistente social teria gostado de obter uma “visão mais especializada” ou de “examinar” mais detidamente a situação.

- A dimensão temporal do espaço cognitivo, isto é, o desenvolvimento no trabalho com crianças ou famílias, usa metáforas associadas com uma imagem ou quadro: falar sobre a “base” (isto é, a situação familiar) representa o passado, falar sobre o “primeiro plano” representa uma situação atual ou projetos futuros. Os verbos “esclarecer” e “ofuscar” transmitem as mudanças temporais do trabalho do assistente social, através da alternância de níveis de claridade. Outros exemplos são: “Isso ficou claro pra mim”; “Alguns passos [para frente] são evidentes [...] depois de quatro meses”; ou o fato de alguém “não deixar de notar” uma mudança.

- Essas imagens também descrevem o conteúdo do trabalho de assistência: os problemas são “vistos” juntos; são realizados pedidos para que os clientes “esclareçam algo” e, certamente, questões ainda não resolvidas são “observadas”.

O processo de diagnóstico é mais fortemente enfatizado nessas metáforas. Isso segue a norma cultural que Blumenberg (1960) observou na filosofia, ou seja, que desde o Iluminismo a verdade deixou de ser procurada nas sombras das trevas para ser perseguida no controle que é racional e visual. Com exceção da expressão “ver algo junto” com o cliente, as metáforas do visual parecem ser as descrições mais distanciadas do conceito de relacionamento.

g) O Serviço Social é tutor ou professor

Muitos assistentes sociais, particularmente aqueles que trabalham com crianças em idade escolar, frequentemente se expressam através de imagens que são modeladas em procedimentos e modos de pensar associados com o domínio da escola. Dessa maneira, a assistência psicossocial não se concentra apenas em problemas escolares, mas

também transfere modos de pensamento e ação associados ao domínio escolar para outras áreas. Assim, há referência ao seu trabalho, por exemplo, em termos de “tutor”. Crises de vida são analisadas como “testes” ou como “tarefas inacabadas”, ou, mais genericamente, na metáfora de estar “por trás”, que tem suas próprias implicações. Desse modo, em metáforas que são típicas do domínio escolar e também são usadas em outras fases da vida, nós temos que lidar com “exercícios”, com a “quantidade de trabalho a ser feito” e com a “regularidade” quando se trata de praticar novos comportamentos. Os objetivos são “realizações” e “sucessos”. Este padrão – “aprendemos para a vida” – implica que os papéis sigam o modelo professor-aluno e a configuração cênica do domínio escolar que surge com ele.

h) O Serviço Social no espaço da fala

A compreensão de que as metáforas da fala pertencem a um tipo específico de metáfora espacial e acústica foi inferida a partir da verificação das preposições que acompanham as expressões: falar “com”, falar “sobre”, falar “para” etc. As descrições da comunicação ocorreram tanto nas metáforas sobre relacionamentos simétricos (“iniciar conversas”, “falar com ou para”) como nos modos de intervenção verbal dos assistentes sociais (“falar sobre”, “conduzir entrevistas”). Os assistentes sociais são confrontados com pessoas interferindo em seu trabalho. Por outro lado, há as desculpas dos clientes, e as evasivas em falar sobre um problema, pelas quais eles evitam sobrecarregar os assistentes sociais. Dirigir-se “a” ou falar “com” provou ser uma expressão central nessas metáforas de intervenção, que corresponderam à expressão “falar [de si] para” usada pelos clientes.

Assim, nós encontramos toda sorte de preposições tais como “sobre”, “sob”, “em”, “de [dentro]”, “sem”. Essas expressões constituem um espaço aberto que não se encaixa inteiramente no esquema acima mencionado e, dessa maneira, produzem uma classe separada de metáforas, organizadas em um “espaço de fala”. As posições espaciais do esquema produzem um diagnóstico da situação social e são implicitamente respondidas pelos movimentos de fala compensatórios. Com respeito ao conhecimento profissional, esse conceito aparenta ser o menos específico.

i) O Serviço Social é fazer ou produzir

Um grupo de metáforas que inicialmente aparenta estar tão “morto” que não é percebido pode ser encontrado em expressões idiomáticas, incluindo os verbos “trabalhar” e “fazer”. Falamos de “trabalho juvenil” e temos que “fazer” algumas ligações telefônicas. Essas palavras parecem tão naturais que é muito difícil vê-las como imagens. De outra forma, como poderíamos expressar essas questões em palavras?

O caráter imagético só se torna mais evidente quando emerge de expressões como: contatos e relacionamentos são “estabelecidos” (em alemão: produzidos), certas condições são “produtivas” ou “contraprodutivas” e conflitos são “trabalhados”. São enunciados como esses que nos alertam para o fato de que um processo de manufatura serve como base através da qual as interações em Serviço Social são percebidas. Se alguém opta por essa interpretação, o “fazer” (ligações) e o “trabalhar” (conflitos) não aparentam ser mais tão literais ou reais e esses processos são revelados como padrões perceptuais: ajudar é também representado como a (co)produção ou elaboração de objetos.

É impossível listar todas as coisas que podem ser “feitas” (*made* ou *done*, em inglês): nós fazemos piadas e fazemos sentido, também fazemos nossa vida ou nosso trabalho, por exemplo, enquanto fazemos faculdade, terapia etc. A abrangência desse padrão na língua alemã é demonstrada pela abundância de construções preposicionais envolvendo a palavra “trabalho”: nós trabalhamos juntos, ou seja, *colabora-mos* com clientes; primeiro avaliamos conflitos, depois trabalhamos essas questões para, em seguida, processá-las a fim de trabalharmos para alcançar determinadas metas. A metáfora conceptual subjacente a esse padrão é “vida é trabalho”. O diagnóstico dos elementos dessa metáfora consiste em identificar o que é considerado como tarefa inacabada, o que leva à conclusão de que esse estado precisa ser mudado pelo trabalho. O relacionamento entre profissionais e clientes pode consistir em trabalhar juntos em um objeto (imaginário), mas também no trabalho do profissional sem a colaboração do cliente.

Todos os conceitos metafóricos contêm um diagnóstico dos clientes, um núcleo figurativo e cognitivo e recomendações para ação que são normativamente carregadas. Eles atribuem papéis, proveem uma base normativa e sugerem certas formas de relacionamentos. Essas funções são mescladas com a cena social imaginada na metáfora e só podem ser distinguidas pela análise. Cada conceito realça diferentes maneiras de moldar o relacionamento e contém *frames* alternativos. Nas análises individuais, esses padrões metafóricos de interpretações associados ao domínio de assistência social estavam ligados uns aos outros em combinações personalizadas ou não estavam disponíveis para cada assistente social de modos característicos. Esse

conhecimento, que é estruturado em narrativas e metáforas, é tácito e, desse modo, não pode ser representado por proposições: são “metáforas pelas quais nós ajudamos”.

4 Buracos negros na rede de conceitos – ou limites da profissão?

O campo de atuação da assistência social familiar é caracterizado pelos padrões desse conhecimento profissional, mas o campo e suas fronteiras se tornam mais evidentes quando nós olhamos para as metáforas que *não* são usadas ou para as metáforas *usadas em outros domínios profissionais*. Para efeito de comparação, apresentamos, a seguir, alguns estudos sobre profissões vizinhas, sobre professores e profissões da saúde.

Nos estudos conduzidos por De Guerrero e Villami (2000, 2002), os quais utilizaram um teste de completar a sentença, os pesquisadores solicitaram que professores de inglês de Porto Rico completassem sentenças do tipo “Um professor é como...” com uma metáfora. Durante os encontros com o grupo, a metáfora foi destacada com mais ênfase nas discussões. As conversas foram gravadas e avaliadas segundo o método descrito por Cameron e Low (1999). Com esse trabalho, emergiram as seguintes construções metafóricas complementares do teste:

- professores como líderes cooperativos, estudantes como participantes ativos;
- professores como provedores do conhecimento, estudantes como recipientes do conhecimento;
- professores como desafiadores, estudantes como objetos de transformação;

- professores como provedores de nutrição, estudantes como organismos em desenvolvimento;
- professores como reformadores, estudantes como resistentes;
- professores como provedores de ferramentas, estudantes como construtores;
- professores como artistas, estudantes como matéria-prima;
- professores como reparadores, estudantes como indivíduos defeituosos;
- professores como treinadores, estudantes como esportistas.

Em alemão, Marsch (2009) coletou metáforas de ensino e de aprendizagem usadas por professores de biologia. A autora encontrou quatro padrões principais de metáforas:

- ensinar e aprender são andar e viajar;
- ensinar e aprender são ressoar e internalizar,
- ensinar e aprender são edificar e construir;
- ensinar e aprender são conectar e ligar.

Além desses, há conceitos usados com menos frequência como: ensinar e aprender como plantar e jardinar; ver e descobrir; trabalhar e atuar; educar e deixar uma marca; economizar e estocar; lutar e treinar.

Uma comparação inicial com as metáforas do Serviço Social é capaz de mostrar que as redes semânticas que caracterizam o assistente social são completamente diferentes daquelas que distinguem os professores. Antes de proceder com as conclusões a respeito dessa comparação, nós gostaríamos de acrescentar mais dois estudos sobre profissões da saúde.

Van Rijn-van Tongeren (1997) analisou 33 artigos de Oncologia. Ela identificou os seguintes domínios-base do pensamento médico e os

seguintes conceitos metafóricos: células cancerosas são compreendidas como pessoas atuantes e perceptivas que desrespeitam as regras da sua sociedade, isto é, elas não se importam com as regras do seu tecido, mas agem autonomamente. Quando o seu crescimento é descrito metaforicamente como “invasor” e “colonizador” de tecidos saudáveis, as discussões sobre os diversos mecanismos celulares são inevitavelmente expressas em imagens de defesa e ataque: o câncer se torna uma guerra. Nesse contexto, nós frequentemente encontramos atribuições de agência causal. Além disso, a reprodução do DNA e outras formas celulares são representadas através da metáfora do texto que é copiado ou traduzido. O processo maligno é também apresentado em termos espaciais como passos ou degraus, numa variação da metáfora do caminho⁴. Em outro capítulo, a autora chama atenção para teorias médicas formuladas a partir desses conceitos metafóricos antes de discutir os processos de realce e encobrimento dessas metáforas. Nesse sentido, a autora explica que a metáfora de células desordenadas e anormais como inimigo encobre as influências sociais da doença. No tratamento, que é concebido como uma guerra contra essas células, todos os meios radicais de combate são apropriados – consequentemente os efeitos colaterais do tratamento não são referidos explicitamente.

Schiefer (2006), por seu turno, investigou as metáforas presentes em relatórios de alta hospitalar e cartas de encaminhamento médico e reconstruiu os seguintes conceitos metafóricos:

- doença como algo que pode ser capturado, localizado e quantificado;

⁴ Para outros exemplos, ver: Van Rijn-van Tongeren, 1997, p. 62-78.

- doença como um percurso ou caminho, terapia como um percurso ou caminho;
- saúde como exclusão de doença, diagnóstico como um espaço isolado;
- resultados de exames como uma escala;
- tratamento como uma posição no espaço;
- compreender/diagnosticar como ver;
- doença/diagnóstico como uma carga pesada/leve;
- doença/problema como um fardo a ser suportado;
- diagnóstico como um enigma/quebra-cabeça, médico como um detetive.

Nesse estudo, a metáfora da luta não aparece, o que evidentemente não se aplica à situação comunicativa específica da carta de encaminhamento médico, que é uma transferência controlada ou controladora do conhecimento.

Quais são as diferenças entre as redes metafóricas de conhecimento profissional nesses diferentes campos?

a) Conceitos metafóricos similares, mas nuances diferentes

Assim como Shiefer (2006) com relação aos médicos, tanto De Guerrero e Villami (2000, 2002) e Marsch (2009) demonstram a necessidade da metáfora do caminho para professores. Mas em cada área, essa metáfora apresenta conotações diferentes. No Serviço Social, a preocupação está em colocar os clientes de volta aos trilhos; em educação, a metáfora se refere a trilhar o caminho de modo sistemático, cada passo se desenvolve um após o outro; em medicina, o interesse está no desenvolvimento de um caminho (no qual há um conhecimento baseado em evidências também na prescrição de um caminho).

b) Metáforas orgânicas: vida como crescimento, profissionais como jardineiros

As metáforas que expressam a vida em termos de crescimento orgânico – com as quais os esforços profissionais são comparados às tarefas de um jardineiro, desde regar e fertilizar até podar e destruir as ervas daninhas – pertencem a um grupo de metáforas pedagógicas que remonta à Renascença (BILSTEIN, 1996) e também são encontradas em formas de terapia humanística. Metáforas dessa natureza também foram encontradas em estudos recentes, num estudo de caso de um professor de adultos (SCHMITT, 2006) e num estudo sobre aconselhamento de homens com histórico de violência (SCHRÖDER, 2015). Neste último trabalho, essas metáforas só apareceram durante uma série de sessões de aconselhamento e foram menos frequentes do que outros tipos. Isso talvez seja explicado porque a atuação do assistente social se dá em contextos de crise que não podem ser enquadrados como processos que ocorrem naturalmente.

c) Metáforas de luta como um fenômeno que diferencia as profissões

Enquanto no estudo em tela as metáforas de combate não tiveram importância sistemática para descrição da visão dos profissionais de assistência familiar, Schulze (2007) encontrou este tipo de metáfora no discurso de profissionais que trabalham como assessores em processos de custódia bastante litigiosos. Esses profissionais (que são na maioria assistentes sociais) se veem como “estrategistas de paz” ou “pacificadores”. Aqui o combate enquanto fenômeno ainda é localizado fora da profissão ou a profissão é definida em oposição a ele. Contudo, numa revisão das metáforas usadas em profissões de saúde, a metáfora

de “combate” contra doenças potencialmente fatais, especialmente o câncer, tem sido encontrada em discursos de médicos para descrever o seu trabalho (VAN RIJN-VAN TONGEREN, 1997; SCHMITT, BÖHNKE, 2009).

Tendo em vista a diversidade de estudos empíricos sobre metáforas, não podemos excluir a possibilidade de haver outras importantes metáforas que não são usadas no campo do Serviço Social. Entretanto, parece razoável concluir que a comparação do Serviço Social com a rede semântica da educação e dos profissionais da saúde demonstra que cada uma dessas redes é diferente e que as metáforas do Serviço Social são mais simples, mas existencialmente centrais para se referir a *dar e tirar, ligar e libertar, abrir e fechar* e, também, para se referir a capacidades elementares como a *clareza de visão*. O conhecimento profissional do assistente social deve, então, ser caracterizado como uma rede de construções cognitivas na qual certas autodefinições, diagnósticos e conclusões estão ausentes. Os conceitos metafóricos permitem diferenciações dentro do domínio, mas devemos considerar que cada metáfora não apenas gera possibilidades, mas também oferece modos alternativos de pensar fora do quadro. Lakoff e Johnson (1980, p. 10) discutem essa sistematicidade quando explicam o processo de “realce” e “encobrimento” de aspectos que se dá nos mapeamentos metafóricos.

5 Tese sobre o desenvolvimento do conhecimento profissional

Com os nove modelos de metáforas do serviço social mencionados e com as comparações com as metáforas de professores e

de profissionais da saúde, podemos propor uma caracterização mais específica do conhecimento profissional no Serviço Social.

a) Primeiro, nós já sabemos, a partir de uma linguagem cotidiana e pré-teórica, o que são os objetivos de um trabalho de assistência social bem realizado. Flexibilidade psicológica e social (expressa em alemão como “mobilidade”) são associados com o bem-estar. Isso não implica numa “falta de conexão”, mas em estar conectado de muitas maneiras e com muitas pessoas. Nós queremos “clareza”, situações de vida previsíveis mais do que “tempos escuros” e tentamos não estar “sobrecarregados”, mas “aliviados”. Não apenas objetivos, mas também modelos de procedimentos e de fluxos, são gerados na base de conceitos metafóricos, isto é, começar numa situação “dura” e se mover pela “corda bamba” para alcançar um “espaço seguro”, começar em um “embaraço” e se mover pelo “desenvolvimento” para “ligação”, mover-se das “trevas” para a “luz”, da “sobrecarga” para o “alívio”. O potencial normativo da metáfora para o sucesso das intervenções de ajuda é óbvio: esses modelos revelam esquemas e julgamentos culturais, pois não é verdadeiro que em todas as culturas o movimento seja preferido ao invés da estagnação, ou que a luz seja desejada sempre no lugar das trevas. As metáforas constituem “um paradigma de aprendizagem não intencional” (OEVERMANN et al. 1976, p. 376) no qual nós somos socializados. Elas são padrões de experiência e categorias que guiam nossas experiências futuras.

b) Segundo, as expressões metafóricas usadas pelos assistentes sociais podem parecer comuns. Contudo, as análises demonstraram que há regras implícitas e padrões de conhecimento profissional. Assim, por

exemplo, o modelo de “intimidade moderada” nas relações de assistência social, que é sugerido pelas metáforas de caminho/trajeto e de laço/junção, apresenta uma visão de uma interação bem realizada que precisa ser reaprendida de novo e de novo durante o treinamento profissional. Por outro lado, uma interação não exitosa pode ser antecipada e interpretada através de imagens de “relapso”, “confusão” “embaraço” e “sobrecarga”. De uma forma geral, os modelos metafóricos constituem um sistema de ação corretiva que é mutuamente reguladora (não apenas contraditória). Desse modo, se os assistentes sociais agissem apenas dando apoio e prestando auxílio, permitindo-se guiar apenas pelas metáforas de “carga” e sem observar a distância metafórica recomendada nas relações de assistência, seria provável que eles chegassem a uma solução insatisfatória.

c) Terceiro, o conhecimento da profissão do Serviço Social está organizado em uma base de padrões pré-teóricos de interpretação: nenhum dos conceitos metafóricos teve uma forte relação com teorias aprendidas durante os processos de educação profissional dos entrevistados. O fato dos profissionais fazerem pouca referência ao conhecimento acadêmico é uma crítica frequente em estudos sobre a teoria das profissões (ver Dewe, 2012). Esse tipo de crítica falha ao desconsiderar que o conhecimento profissional também provém de outras fontes. Os núcleos metafóricos descritos anteriormente são duplamente determinados. Eles surgem do repertório de conhecimentos baseados no senso comum e têm, também, origem nas histórias pessoais de cada indivíduo (SCHMITT 2006; SCHACHTNER 1999). Embora as histórias de vida sejam levadas em consideração na

pesquisa sobre a profissão do Serviço Social, elas não conectam os esquemas de interpretação do mundo construídos ao longo da vida com o repertório de padrões coletivos de pensamento (para uma revisão sobre a questão, ver Jakob, 2010). Apenas essas mesclagens de padrões culturais e pessoais produzem o centro cognitivo no qual teorias e métodos podem ser assimilados. Na literatura, padrões de interpretação de estudantes são geralmente descritos como uma caixa-preta, que impede formulações científicas mais específicas. Esses textos tendem a ensinar distanciamento aos estudantes para que sejam críticos a respeito das suas histórias pessoais (GRAßHOFF, SCHWEPPE, 2012). Eles não estão atentando para a importância do senso comum e da história de vida dos estudantes como fonte para o conhecimento profissional. Por sua vez, estudos baseados na análise de metáforas sugerem que a compreensão adquirida anteriormente, no percurso de vida dos aprendizes, é o que constitui o núcleo do conhecimento profissional. Seguindo este raciocínio, Schachtner (1999) relacionou hábitos e conceitos metafóricos da prática profissional com as histórias de vida de médicos generalistas; não temos notícia de que estudo semelhante já tenha sido realizado em Serviço Social.

d) Quarto, os esquemas metafóricos que são apresentados numa respectiva cultura e aqueles que foram adquiridos individualmente podem ser modificados através de diversos processos ao longo do treinamento teórico e prático dos profissionais de Serviço Social. Conceitos como “combate” ou “orgânico” ou não são reforçados pelo uso ou são avaliados negativamente, portanto, são cada vez menos usados ao longo do tempo. Já outros conceitos como, por exemplo, metáforas de aprendizagem, que são remanescentes da escola, tornam-

se mais especializados enquanto os estudantes entram em contato com metáforas mais complexas. De modo geral, teorias não podem ser reduzidas a uma única metáfora, são arquiteturas complexas de imagens linguísticas (ver Buchholz, 1993, para um estudo das imagens linguísticas em psicanálise). Isso se aplica de modo similar para todas as teorias. Blumenberg (1960) reconstruiu metáforas que são centrais em filosofia, enquanto Kunt (1993) descreveu as metáforas como elementos centrais nos paradigmas científicos. Ainda não há estudos sobre as metáforas nas teorias do Serviço Social. Também não podemos excluir a possibilidade de que novos padrões metafóricos possam ser aprendidos, mesmo que eles não tenham sido previamente relevantes na vida pessoal do indivíduo. Desde o ponto de vista da linguística cognitiva, aprender é uma interação entre os esquemas metafóricos que o estudante já utiliza e as metáforas do objeto a ser aprendido (GROPENGIEßER, 2008). Num estudo inspirado na pesquisa de Gropengießer (2008), nós (Schmitt, 2014) analisamos as metáforas para “sociedade” utilizadas em artigos de estudantes do primeiro ano universitário. A maioria das metáforas revelou uma visão crítica da sociedade em termos de um pai rigoroso que não toma conta adequadamente dos seus filhos ou eram metáforas do recipiente que requerem que todas as pessoas sejam incluídas na sociedade. Além das metáforas da divisão das classes sociais em “inferior” e “superior”, as metáforas sociológicas para sociedade, desde a metáfora de organismo para Durkheim, a metáfora de luta para Marx até a sociedade como teatro para Bourdieu ou Goffman (para uma revisão, ver Rigney, 2011 e López, 2013), não foram encontradas nos textos dos estudantes de nenhuma forma sistemática. Pode-se reclamar da limitação teórica dos

estudantes e de sua falta de diferenciação dos conceitos sociológicos, mas, ao mesmo tempo, deve ser dito que as metáforas desses estudantes tinham um conteúdo claramente normativo, que é relevante para conhecer a forma como o Serviço Social se define e para perceber que esse modo não está incluído nas metáforas sociológicas para sociedade. Dessa maneira, não pode ser o nosso objetivo ajustar o pensamento dos estudantes às metáforas das teorias científicas. Segundo a linguística cognitiva, o treinamento prático e acadêmico é exitoso quando os conteúdos são ligados aos padrões de pensamento dos alunos. São necessários métodos didáticos e avaliações críticas sobre os velhos e os novos padrões a fim de encontrar os pontos cegos das questões.

e) Por último, é precisamente quando falham nos padrões cotidianos de interpretação que os assistentes sociais podem ligar as fronteiras entre sistemas profissionais e instituições e atuarem como intermediários dos seus clientes (ABBOTT, 1995, p. 549). Embora o conhecimento cotidiano nos permita transcender fronteiras, ele propicia uma atualização pequena para níveis simbólicos superiores em termos científicos. Talvez isso explique por que o Serviço Social tem um *status* inferior em comparação com profissões clássicas (ABBOTT, 1995, p. 549). Por causa das metáforas oriundas da linguagem cotidiana, as questões relacionadas às “reivindicações de competências” do Serviço Social, que esbarram em outras esferas profissionais teoricamente mais homogêneas, se tornam difíceis de defender. Müller (2008) estava usando uma metáfora quando se referiu à comunicação “poliglota” em Serviço Social, que transcende as fronteiras dos sistemas e também das exclusões com as quais os sistemas lidam.

Referências

- ABBOTT, A. *The System of Professions: An Essay on the Division of Expert Labor*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- ABBOTT, A. Boundaries of social work or social work of boundaries? *The Social Service Review*, 69(4), p. 545-562, 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/i30012866>>. Acesso em: 15 ago. 2015.
- BAIER, F. Bedrohungen und systemische Kontexte sozialarbeiterischer Professionalität in Schulen. In: BECKER-LENZ, R.; BUSSE, S.; EHLERT, G.; MÜLLER-HERMANN, S. (Eds.). *Bedrohte Professionalität*. Einschränkungen und aktuelle Herausforderungen für die Soziale Arbeit. Wiesbaden: Springer, 2015, p. 239-258.
- BILSTEIN, J. Zur Metaphorik des Generationenverhältnisses. In: LIEBAU, E. & WULF, C. (Eds.). *Generation*. Versuche über eine pädagogisch-anthropologische Grundbedingung. Weinheim: Deutscher Studien Verlag, 1996, p. 157-189.
- BLACK, Max. Mehr über die Metapher. In: HAVERKAMP, A. (Ed.). *Theorie der Metapher*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983 [1977], p. 379-413.
- BLUMENBERG, H. Paradigmen zu einer Metaphorologie. *Archiv für Begriffsgeschichte*, 6, 1960, p. 7-142.
- BUCHHOLZ, M. B. *Metaphern der "Kur"*. Eine qualitative Studie zum psychotherapeutischen Prozess. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1996.
- BUCHHOLZ, M. B. (Ed.). *Metaphernanalyse*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993.
- BUCHHOLZ, M. B.; KLEIST, C. V. Metaphernanalyse eines Therapiegesprächs. In: BUCHHOLZ, M. B. (Ed.). *Psychotherapeutische Interaktion*. Qualitative Studien zu Konversation und Metapher, Geste und Plan. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1995, p. 93-126.
- CAMERON, L.; LOW, G. (Eds.). *Researching and Applying Metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- DE GUERRERO, M. C. M.; VILLAMIL, O. S. Exploring ESL teachers' roles through metaphor analysis. *TESOL Quarterly*, 34(2), 2000, p. 341-351.
- DE GUERRERO, M. C. M.; VILLAMIL, O. S. Metaphorical conceptualizations of ESL teaching and learning. *Language Teaching Research*, 6(2), 2002, p. 95-120.
- DEWE, B. Akademische Ausbildung in der Sozialen Arbeit – Vermittlung von Theorie und Praxis oder Relationierung von Wissen und Können im Spektrum von Wissenschaft, Organisation und Profession. In: BECKER-LENZ, R.; BUSSE, S.; EHLERT, G.; MÜLLER-HERMANN, S. (Eds.). *Professionalität Sozialer Arbeit und Hochschule*. Wissen, Kompetenz, Habitus und Identität im Studium Sozialer Arbeit. Wiesbaden: Springer VS, 2012, p. 111-128.

GRAßHOFF, G.; SCHWEPPE, C. Fallarbeit – Studium – Biographie. In: BECKER-LENZ, R.; BUSSE, S.; EHLERT, G.; MÜLLER-HERMANN, S. (Eds.). *Professionalität Sozialer Arbeit und Hochschule*. Wiesbaden: VS, 2012.

GROPENGIEßER, Harald. *Didaktische Rekonstruktion des Sehens*. Wissenschaftliche Theorien und die Sicht der Schüler in der Perspektive der Vermittlung. Oldenburg: Carl von Ossietzky-Universität, 1998.

JAKOB, G. Analyse professionellen Handelns. In: BOCK, K.; MIETHE, I. (Eds.): *Handbuch Qualitative Methoden in der Sozialen Arbeit*. Opladen: Barbara Budrich, 2010, p. 183-192.

JOHNSON, M. *The body in the mind*. The bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KUHN, T. Metaphor in science. In: ORTONY, A. (Ed). *Metaphor and Thought*. New York: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things*. What Categories Reveal about the Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

LILJEGREN, A. Key metaphors in the sociology of professions: Occupations as hierarchies and landscapes. In: *Comparative Sociology*, 11, 2012, p. 88 -112.

LÓPEZ, J. *Society and its Metaphors: Language, Social Theory and Social Structure*. London: Continuum, 2003.

MARSCH, S. *Metaphern des Lehrens und Lernens*. Vom Denken, Reden und Handeln bei Biologielehrern. Dissertation zur Erlangung des akademischen Grades eines Doktors der Naturwissenschaften (Dr. rer. nat.) eingereicht im Fachbereich Biologie, Chemie, Pharmazie der Freien Universität Berlin, 2009. Disponível em: <http://www.diss.fu-berlin.de/diss/receive/FUDISS_thesis_000000013588>. Acesso em: 14 jun. 2011.

MÜLLER, M. (2008). *Polyglotte Kommunikation Sozialer Arbeit. Eine sozialarbeiterische Kommunikationstheorie der Praxis*. Heidelberg: Carl Auer.

OEVERMANN, U.; GRIPP, H.; ALLERT, T.; KONAU, E.; KRAMBECK, J.; SCHROEDER-CAESAR, E.; SCHÜTZE, Y. Beobachtungen zur Struktur der sozialisatorischen Interaktion. In: AUWÄRTER, M.; KIRSCH, E.; SCHRÖTER, K. (Eds.). *Seminar: Kommunikation, Interaktion, Identität*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976.

RIGNEY, D. *The Metaphorical Society*. An Invitation to Social Theory. Boston, MA: Rowman & Littlefield, 2001.

SCHACHTNER, C. *Ärztliche Praxis*. Die gestaltende Kraft der Metapher. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999.

SCHIEFER, M. *Die metaphorische Sprache in der Medizin*. Metaphorische Konzeptualisierungen in der Medizin und ihre ethischen Implikationen untersucht anhand von Arztbriefanalysen. Berlin: LIT-Verlag, 2006.

SCHMITT, R. *Metaphern des Helfens*. Weinheim: Psychologie Verlags Union, 1995.

SCHMITT, R. Systematic metaphor analysis as a method of qualitative research. *The Qualitative Report*, 10(2), 2005, p. 358-394. Disponível em: <<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR10-2/schmitt.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

SCHMITT, R. "Was Ihr einmal gelernt habt, kann Euch keiner mehr wegnehmen". Metaphern in Biographien der Erwachsenenbildung. In: NITTEL, D.; MAIER, C. (eds.). *Persönliche Erinnerung und kulturelles Gedächtnis*. Einblicke in das lebensgeschichtliche Archiv der hessischen Erwachsenenbildung. Opladen: Barbara Budrich, 2006, p. 359 – 369.

SCHMITT, R. Attempts not to over-generalize the results of metaphor analyses. In: KIEGELMANN, M.; GÜRTLER, L.; HUBER, G. L. (Eds.). *Nexus qualitative psychology*, Vol. V: Generalization in qualitative psychology. Tübingen: Huber, 2007, p. 53-70. Disponível em: <http://psydok.sulb.uni-saarland.de/volltexte/2007/945/pdf/nexus_5.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2014.

SCHMITT, R. Systematische Metaphernanalyse als qualitative sozialwissenschaftliche Forschungsmethode. In: *metaphorik.de*, 21, 2011, p. 47-82. Disponível em: <<http://www.metaphorik.de/21/schmitt.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

SCHMITT, R. Zuwendung zum Menschen und andere Bilder sozialer Interaktion. Metaphernanalyse als Forschungsmethode in der Sozialen Arbeit. In: WENDT, W. R. (Ed.). *Zuwendung zum Menschen in der Sozialen Arbeit*. Festschrift für Albert Mühlum. Jacobs: Lage, 2013, p. 165-178.

SCHMITT, R. Bilder der Gesellschaft von Studierenden der Sozialen Arbeit: Das Eltern-Modell und andere Herausforderungen für soziologisches Wissen. In: UNTERKOFER, U.; OESTREICHER, E. (Eds.). *Theorie-Praxis-Bezüge in professionellen Feldern*. Wissensentwicklung und -verwendung als Herausforderung. Opladen: Budrich UniPress, 2014, p. 263-283.

SCHMITT, R.; BÖHNKE, U. Detailfunde, Überdeutungen und einige Lichtblicke: Metaphern in pflegewissenschaftlichen Analysen. In: DARMANN-FINCK, I.; BÖHNKE, U.; STRAß, K. (Eds.). *Fallrekonstruktives Lernen*. Ein Beitrag zur Professionalisierung in den Berufsfeldern Pflege und Gesundheit. Frankfurt am Main: Mabuse, 2009, p. 123-150.

SCHÖN, D. A. Generative metaphor: A perspective on problem-setting in social policy. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 254-283.

SCHRÖDER, J. *"Ich könnt ihr eine donnern"*: Metaphern in der Beratung von Männern mit Gewalterfahrungen. Weinheim: Beltz-Juventa, 2015.

SCHULZE, H. *Handeln im Konflikt*. Eine qualitativ-empirische Studie zu Kindesinteressen und professionellem Handeln in Familiengericht und Jugendhilfe. Würzburg: Ergon, 2007.

SCHÜTZEICHEL, R. Professionshandeln und Professionswissen - eine soziologische Skizze. In: UNTERKOFER, U.; OESTREICHER, E. (Eds). *Theorie-Praxis-Bezüge in professionellen Feldern*. Opladen: Budrich UniPress, 2014, p. 43-53.

VAN RIJN - VAN TONGEREN, G. *Metaphors in medical texts*. Amsterdam-Atlanta: Editions Rodopi, 1997.

Recebido em 04/10/2016. Aprovado em 16/10/2016.